

## O PARAÍSO NA ICONOGRAFIA DE MAPAS-MÚNDI MEDIEVAIS – EBSTORF E HEREFORD\* –

*Paulo Roberto Soares de Deus\*\**

### **Resumo**

Os mapas servem para localizar, indicar a posição do homem no espaço. E para isto também serviam os mapas medievais, mas as concepções de homem e de espaço na Idade Média eram bastante diversas das atuais. Assim, a localização e os critérios de descrição do espaço seguiam regras muito particulares. Naquele contexto cultural o Paraíso Terrestre desempenhava o papel de direcionar a organização medieval do espaço. A cartografia também era mais um retrato do humano, de sua subjetividade que do espacial. Característica que se manteve até a Renascença.

Palavras-chaves: Cartografia; Paraíso; organização do espaço; subjetividade.

Um mapa é uma descrição do espaço. Ao contrário de um texto que utiliza palavras para que seu leitor forme uma *imagem mental*, a descrição contida em um mapa fornece *diretamente* ao seu leitor as imagens. Geralmente, para facilitar sua decodificação, estas são acompanhadas de um pequeno texto informativo ou legenda, mas as

---

\* Este artigo é parte da dissertação de mestrado, intitulada “*Do Oriente vem o vento que os leva ao Ocidente – Representações literárias e iconográficas do espaço na Baixa Idade Média*”, defendida pelo autor na Universidade de Brasília em Abril de 2000.

\*\* Professor Substituto e Mestre em História Social e das Idéias pela Universidade de Brasília - UnB.

imagens em si, as representações visuais do espaço, possuem preeminência, como por exemplo: nos mapas rodoviários modernos o desenho de um avião indica um aeroporto, assim como um garfo e uma faca indicam um restaurante. Cria-se, desse modo, uma nova linguagem, que possui uma sintaxe específica.

No entanto, as regras da gramática<sup>1</sup> das imagens não são correspondentes às regras da linguagem escrita, e tentativas de utilizar um modelo para explicar o outro demonstram-se falhas. Andrews (1990) tentou comparar a leitura de mapas com a leitura de textos, encontrando *verbos*, *substantivos* e *adjetivos* nas figuras utilizadas para indicar acidentes geográficos e/ou pontos de referência como hotéis e lanchonetes. Uma tal comparação não encontra propósito uma vez que a linguagem visual (imagética) dos mapas não precisa de desníveis gramaticais entre seus termos, pois sua leitura é qualitativa, ou seja, o desenho ou figura representa um todo, não precisando ser entendido em etapas, como uma frase, que se organiza ao redor de determinado núcleo (verbo, substantivo). A imagem é um todo uniforme, não dividido em um núcleo central e complementos (advérbios, adjetivos) para se fazer entender.

Só podemos concluir, então, que a leitura de mapas e suas regras lógicas não se formam por analogia à escrita, sendo necessário, então, recorrer a estudos específicos de imagens, seus usos e sua decodificação; e este método só pode ser o iconográfico.

Panofsky (1991) consagrou a diferença entre iconografia e iconologia. Esse autor considerava a pesquisa com imagens, ou a História da arte, mais propriamente, como dividida em fases, a saber: o estágio pré-iconográfico, que seria a descrição de formas, volumes e cores; a iconografia, que implicaria um conhecimento dos assuntos e conceitos da época produtora das imagens; e finalmente a iconologia, que seria a busca do sentido da imagem, e como se processava sua inserção no sistema simbólico e de valores da época. A iconologia utilizaria tanto os dados descritivos quanto os analíticos da iconografia, e proporia interpretações amplas.

Essa concepção de iconologia tem sido criticada (Wirth, 1989; Ginzburg, 1990), pois, segundo Wirth, seria um conhecimento demasiado empírico, já que Panofsky pretendia analisar as expressões encontradas nas próprias imagens, e, por isso, confundiria a realidade com a norma, generalizando valores específicos a algumas obras individuais. Além disso analisar a imagem por suas expressões se mostra impossível, afinal, uma

imagem descolada de um conhecimento textual é apenas uma imagem, e o próprio Panofsky sempre faz referência ao que conhece do contexto. Guinzburg critica a iconologia afirmando que esta tenderia a entender a obra de arte como mero resultado de seu ambiente, esquecendo que muitas vezes uma pintura tem mais relação com uma outra pintura anterior que com o contexto social. Guinzburg, lembrando “A História da Arte” de Gombrich, aponta que para entender as imagens deve-se atentar para suas funções e para o estilo (ou os esquemas de estilo). Assim, a análise das imagens não pode buscar um sentido inerente de valores que espelhem uma dada época (como quer a iconologia), mas deve se remeter a conhecimentos livrescos, tendo sempre em foco a função daquela dada imagem e também a história do estilo. Seguindo estas críticas, entendo a análise de imagens, portanto, como iconográfica (até em termos panofskyanos), pois é a identificação de temas a partir do conhecimento livresco, das funções e do estilo em que se insere a imagem, pois a busca de um ‘sentido’ significaria acreditar numa relação automática entre imagem e contexto. A definição de iconografia aqui usada é mais analítica, e não apenas descritiva.

Wirth (1989, p.7-45) considera que para se entender as imagens é necessário perceber como se organiza a lógica da sociedade que as produziu, pois como toda imagem se produz dentro de um sistema relacional, já que indica algo além de si mesma, é a lógica, o modo de relacionar significados e estruturar o pensamento que permite entender o significado das representações. Para isso faz-se necessário aumentar o campo de abrangência do termo imagem, que não pode se reduzir a representações pictóricas de objetos. Imagem, ao menos para a Idade Média, deve ser considerada como a realização de uma forma na matéria. “Uma pintura (*tabula*) é uma imagem, mas o Cristo também o é. Cada filho é uma imagem de seu pai e o reflexo em um espelho é ainda uma imagem” (Wirth, 1989, p.13).

A imagem do Paraíso era uma das mais poderosas da Idade Média pois punha em jogo idéias de Salvação e de bem-aventurança. Quase uma fixação numa sociedade que se deparava constantemente com a morte, as descrições do Além eram postas pelos medievais em termos sensíveis e concretos. Os espaços do divino e do demoníaco encontravam lugar em específicas posições geográficas, retratadas nos mapas. Os mapas-múndi eram os mais ricos e completos nestas descrições, já que intentavam colocar em uma única página todos os elementos da Criação.

Mais que indicar sua própria posição, a presença do Paraíso nos mapas medievais servia para orientá-los. A Bíblia estabelece que o Jardim do Éden fica no Oriente (Gênesis, 2,8), fixando, assim, uma indicação geográfica que serviria como referencial às demais localidades. Na cartografia, o Paraíso Terrestre sempre ocupou o extremo leste do continente asiático, servindo-lhe como limite. Era uma das portas que encerravam o mundo fechado da concepção medieval. O termo porta é, ademais, bastante exato para se referir ao Paraíso e ao fechamento do mundo que ele ajudava a indicar, pois ao mesmo tempo que traz a idéia de encerramento, de barreira – uma porta fechada é uma barreira – traz a possibilidade de abertura – toda porta se abre, para quem tem a chave. O Paraíso Terrestre era a melhor ponte entre a realidade cotidiana e a eternidade com Deus. Foi no Jardim do Éden que Dante encontrou Beatriz, que o levou às esferas celestes. O Paraíso, em remate, indica o fim do mundo, mas também conecta o mundo secular à eternidade.

☞ Cabe ainda retomar que a cada época a iconografia deve adaptar-se, em termos de métodos, objetos e temas específicos, afinal, todas as lógicas relacionais são datadas e exclusivas a cada período, as reminiscências e renascimentos sempre trazem consigo originalidades que não devem ser ignoradas em nome de estudos que privilegiem escolas, estilos e continuidades na arte.

☞ Sempre que se faz considerações sobre o estudo de imagens, sobre a iconografia, cai-se em considerações sobre a arte, dada a estreita relação existente entre a produção de imagens e a produção de obras de arte. Também é interessante lembrar que na Idade Média a palavra arte (*ars*) não possuía o mesmo significado moderno. A arte não era o espaço onde um sujeito exprimia sua subjetividade, era apenas um ofício. Havia dois tipos básicos de artes, as *ars serviles* e as *ars liberales*, as primeiras eram os ofícios dos servos e dos trabalhadores manuais de modo geral, as últimas eram as artes (ofícios, estudos) destinados aos homens livres. Para evitar confusões, é necessário afirmar que na Idade Média havia preocupações com o belo, e os realizadores de objetos artísticos, mesmo obedecendo a estilos, impunham algo de si, de sua subjetividade nos artefatos que construíam, no entanto, esta não era a função precípua da arte, que estava submetida a funções litúrgicas e confessionais. A autoria das obras só passou a ter importância no fim da Idade Média, com os artistas pré-renascentistas, pois até então as oficinas e o trabalho coletivo suprimiam o autor.

## 1. Tipologia dos mapas-múndi medievais

Em inventário produzido na década de 60, Destombes (1964) e sua equipe contabilizaram cerca de 1100 mapas-múndi medievais, contidos em 900 manuscritos, sendo 740 em latim, 15 em grego, 85 em francês e 60 em italiano. O maior destes era o de Ebstorf, com mais de 12 metros quadrados, e os menores possuíam cerca de 1 centímetro quadrado.

Esse inventário buscou todos esses mapas em coleções particulares e públicas por toda a Europa, e constatou que a maior parte das cartas possuía forma circular, havendo, no entanto, ovais, retangulares, e, como o de Ptolomeu, mapas em forma de clâmide.

Os maiores apresentam configurações geográficas mais claras e os menores são mais esquemáticos. O que se deve, obviamente, a capacidade de se inserir mais detalhes em cartas com mais espaço para isso. Ebstorf é uma carta de grande detalhamento por causa de seu imenso tamanho, pouco mais de 12 metros quadrados, já outras como a de Guido de Pisa, do início do século XII e de apenas 13 centímetros de diâmetro, tinham forçosamente que ser mais lacônicas.

A classificação dos tipos de mapas-múndi medievais por mim adotada é a de Destombes (1964). Este dividiu os mapas-múndi em quatro tipos, que são denominados pelas letras A, B, C e D. Sua classificação tem por base uma anterior, mais simples, elaborada por Andrews (1926).

Segundo Andrews (1926), havia três famílias de mapas-múndi. A primeira chamada de *Ecumênica*, e a segunda de *Hemisférica*. A terceira, que na verdade seria um grupo intermediário, pois possuía características comuns aos outros dois, era simplesmente chamada de *Intermediária*.

A primeira família conjuga os mapas que representam apenas o mundo habitado e conhecido, o ecúmeno. A segunda, os que pretendem representar os dois hemisférios do globo. A família dos *ecumênicos* subdivide-se em duas categorias, os *tripartidos* e os *simples*. Estes últimos incluiriam os mapas de Hereford e de Ebstorf, que apresentam os três continentes conhecidos, mas de modo pouco esquemático, dada a riqueza de detalhes que possuem. Já os *tripartidos* são os mapas em T-O clássicos e esquematizados. Os mapas *ecumênicos simples* são isidorianos, e apresentam o mundo tripartido, no entanto, como suas representações são mais ricas, pertencem a uma categoria à parte.

Destombes (1964) discorda que os mapas ecumênicos possam ser divididos em duas categorias, pois as diferenças entre ambas são tão grandes que prefere considerá-los tipos diferentes. Assim, utiliza a divisão dos ecumênicos em *simples* e *tripartidos*, mas os considera como tipos (ou famílias) diferentes, pois a riqueza de detalhes dos *simples* não os permite serem colocados lado a lado com cartas mais esquemáticas, que, muitas vezes, representam a terra simplesmente como um círculo dividido em três partes.

Desse modo, para Destombes, os *ecumênicos tripartidos* seriam o tipo A, e os *ecumênicos simples*, o tipo D. Os *hemisféricos*, o tipo B, e os *Intermediários*, o tipo C.

Sigo a classificação desse autor, que separa os ecumênicos em dois tipos (ou famílias), uma vez que os tripartidos e os simples são muito diferentes entre si, tanto na forma quanto na função. Mas como sua nomenclatura utiliza apenas letras (A, B, C e D) para indicar os tipos de cartas, utilizo a nomenclatura de Andrews (1926), chamando Ebstorf e Hereford de *ecumênicos simples*, pois esta permite um entendimento mais rápido sobre a que tipo exato de mapa se refere.

Os mapas-múndi eram usados para ilustrar salmos, crônicas, comentários sobre o apocalipse, cartas e tratados sobre a natureza. Eram, portanto, integrantes de obras feitas sob encomenda.

Minhas fontes de pesquisa – as cartas de Ebstorf e Hereford – são dois mapas murais, que, conseqüentemente não estavam inseridos em nenhuma obra, mas foram feitos para ser expostos. E, como os outros mapas-múndi, foram feitos sob encomendas precisas.

## 2. Os produtores

Os produtores dos mapas-múndi medievais eram clérigos. Mesmo pertencendo à cultura clerical, alguns mapas absorveram elementos mais propriamente folclóricos<sup>2</sup>. No entanto, esta absorção não foi uma constante. Há cartas que se mostraram mais refratárias a influências folclóricas.

As fontes para o conhecimento cartográfico medieval eram os Padres da Igreja, a Bíblia e fragmentos de informações da Antigüidade. Isidoro de Sevilha foi certamente a grande influência na confecção dos

mapas-múndi medievais, pois em suas *Etimologias* realizou uma descrição das regiões do mundo, e compilou os conhecimentos até então existentes.

Esses mapas, por muito tempo, serviram como ilustrações a cópias das *Etimologias*, e de outras obras que descrevessem o mundo, como o *De Rerum Natura*, de Beda, o Venerável. Desse modo, estavam sempre muito próximas às suas fontes clericais/eruditas. Também parecem ter sido muito poucos, pois raros são os mapas sobreviventes que foram confeccionados antes do século XII, quando parece ter havido um aumento de sua produção (Destombes, 1964). Obviamente, a não sobrevivência não é uma prova da pouca produção, mas talvez seja um indicador, e, pelo menos, permite-me inferi-la.

Antes do século XII, as cartas também parecem menos detalhistas, mais esquemáticas. Preocupadas em manter-se fiéis ao modelo isidoriano<sup>3</sup>. Já a partir desse século, as cartas parecem mais abertas a outros elementos, que se não fogem exatamente ao esquema, lhe emprestam uma série de novidades, como criaturas das antípodas, figuras que lembram histórias tradicionais ou folclóricas.

De acordo com Le Goff (1980), o século XII foi o período de apogeu da reação folclórica, quando os segmentos leigos da sociedade medieval passaram a exibir mais seus próprios produtos culturais.

Parece-me possível estabelecer uma relação entre estes dois eventos, pois, já que os segmentos leigos<sup>4</sup> passaram não só a produzir mas também a consumir mais produtos culturais, era necessário que estes carregassem elementos familiares, pois se fossem estranhos ou incompreensíveis, não seriam aceitos.

Além disso, como os produtos folclóricos estavam mais à vista, passaram a ter mais influência sobre os produtores dos mapas, mesmo estes pertencendo a outro estrato cultural, o clerical.

Devo lembrar, também, que a cultura clerical não era tão refratária a informações que viessem de outras fontes que não as carregadas de autoridade, os já citados Padres da Igreja, a Bíblia e a Antigüidade. A Igreja sempre soube absorver quando necessário. É claro que nunca de modo meramente passivo, pois a absorção implicava uma reestruturação e adequação ao cristianismo. É novamente em Le Goff (1994) que busco um exemplo. Até o século VI a Igreja teria lutado para fazer desaparecer as histórias populares de viagens ao Outro Mundo, identificadas ao paganismo, mas entre os séculos VII e X a Igreja teria

absorvido estas histórias, modificando muitos de seus elementos para que eles se adequassem à visão cristã de mundo.

Mas por que esta cronologia, afeita a histórias de viagens ao Além, serviria como elemento de comparação à cartografia? Bem, estas histórias tinham por função descrever a geografia dos lugares do Além, e, na Idade Média, *este* mundo e o *outro* estavam em permanente contato, ou melhor, eram partes contíguas de uma mesma obra, a Criação divina, o *orbe*. O Paraíso, o Inferno, o Purgatório, o país da Cocanha, o Reino de Preste João, a prisão dos povos de Gog e Magog compartilhavam a esfera da Terra. As esferas celestes, em número de nove, comportavam os coros angélicos e eram o lar dos bem-aventurados. Deus habitava além delas, no Empíreo. Este era, resumidamente, o mundo para os medievais, uma casca fechada e pequena, se comparada a nossa visão de um Universo infinito. Todo o conhecido, criaturas terrestres ou espirituais, compartilhavam deste mesmo e único *Mundus*. E as histórias de viagens, que nós chamamos de *ao Além*, mas que talvez os medievais chamariam de *à Outra Parte do Mundus*, serviam para revelar a seus leitores a forma destas esferas, e onde uma se localizava em relação à outra. Estas viagens, assim como os mapas-múndi, eram as fontes de conhecimento sobre o espaço, eram os dois modos de descrevê-lo. Sua relação me parece natural e necessária.

Quando o clero nega as histórias populares de viagens ao Além, nega influências populares à descrição do espaço. Ao absorver estas histórias, absorve também elementos folclóricos acerca do entendimento do espaço, de seus valores e de seus sentidos.

Os mapas-múndi, mesmo absorvendo elementos folclóricos não se tornam, todavia, intermediários culturais<sup>5</sup>. São produtos do pólo cultural clerical. Este pólo tem a característica de subverter as formas e os conteúdos dos produtos de outros segmentos culturais. Não que o clero consiga atravessar incólume outras influências culturais, mas integra uma estrutura cultural bastante compacta, cujos princípios básicos são fortes o suficiente para manter sua integridade. Os produtos de outros segmentos acabam por se ver vencidos e modificados. Domesticação parece-me um bom termo para a relação entre o pólo clerical e os outros estratos<sup>6</sup>.

Pode-se advogar que ao lado dos intermediários culturais ‘naturais’, ou seja, aqueles produtos que nascem naturalmente da atividade cultural popular/erudita, existam os intermediários culturais ‘intencionais’,



que seriam produtos realizados com a finalidade de se fazer entender por um outro segmento cultural diverso daquele que o produziu, mas com a função específica de transmitir informações de um segmento para o outro, de transmitir as verdades do cristianismo oficial.

Assim, a cartografia medieval dos mapas-múndi se encaixaria nesta definição de intermediário cultural ‘intencional’. Esta me parece um produto claro da cultura clerical. Mas para que isto se torne mais evidente, é necessário saber para quem se destinavam estas cartas.

### 3. O público

Quando os mapas eram colocados dentro de manuscritos, quer sejam saltérios, ou cosmografias, seu público automaticamente se restringia. A escrita e o acesso aos livros, nos séculos da Idade Média, era exclusivo a certas pessoas e grupos. Havia também os lugares e momentos certos para se encontrar com os livros, que apareciam na liturgia ou eram destinados ao estudo.

Na Baixa Idade Média o acesso aos livros aumentou, graças a proliferação de escolas e Universidades, mas não creio ser possível falar-se em popularização, pois como nos lembra Genet (1997), a sociedade literata que se formou neste período era de uma alfabetização restrita. Só quando saem destes suportes é que se pode considerar que os mapas saíram dos círculos de cultura clerical.

Pode-se objetar a esta consideração afirmando que muitos saltérios e Bíblias, ou outros manuscritos que possuísem mapas, eram dados como presentes a autoridades reais ou a grandes senhores de terra, passando, assim, a ser objeto de uso de indivíduos pertencentes à camadas culturais diferentes da eclesiástica. Todavia, a quantidade não era muito expressiva.

O abandono do manuscrito como suporte trouxe nova função aos mapas-múndi, que deixaram de ser complemento à informação para passarem a veículo exclusivo desta. Os mapas murais de Ebstorf e de Hereford são mais que ilustrações, e com certeza muito mais que iluminuras<sup>7</sup>.

Estes mapas ficavam expostos. Hereford era parte integrante de um dos altares secundários de sua catedral. Ebstorf foi feito para ser exposto. Mas quem via estes mapas? Ora, com certeza qualquer um

que se aproximasse, e, dadas suas proporções<sup>8</sup>, nem seria necessária uma aproximação muito grande. Podemos considerar que o grande público era o leitor destes mapas.

A palavra predominou no Ocidente Medieval, que produziu uma sociedade extremamente ligada à oralidade. Mas a importância da imagem não deve ser posta em segundo plano. Grabar (1994) caracteriza a religião e os atos de devoção medievais como “audio-visuais” (Grabar, 1994, p.5). Esta noção deve ser mantida em mente para se entender o que estes mapas faziam exatamente nas catedrais, e como eram lidos, por quem eram lidos, e o que pretendiam transmitir a seus leitores.

O lugar destes mapas os liga diretamente a funções litúrgicas. Estavam ali para complementar a prédica, para lembrar ao fiel que Cristo era senhor do mundo, por isso Sua presença em ambos, sempre em posição de domínio. Em Hereford, em posição de majestade, julgando os vivos e os mortos, e em Ebstorf, misturado à substância do mundo, insinuando Sua onipresença, e o projeto de hegemonia do cristianismo e da Igreja.

Era um público, portanto, que precisava ser ensinado; que estava fora dos círculos eclesiásticos. Do mesmo modo que a literatura de Rabelais, destinava-se à cultura popular, aqui entendida nos moldes de Bakhtin (1993). A grande diferença é que os mapas não eram produtos desta cultura.

A que se deve a destinação destes mapas à cultura popular? No século XIII a sociedade medieval estava no auge de diversos processos de mudança, tanto no âmbito intelectual como no econômico e social. Da desestruturação da sociedade feudal emergiram não só novos senhores, mas também uma nova classe de camponeses enriquecidos (Le Goff, 1980, p.75-84). Camponeses que não estavam submetidos às mesmas condições de vida que seus semelhantes não proprietários, que possuíam sua terra em arrendamento, ou que, mesmo proprietários, estavam presos a laços de feudalidade, tendo suas reservas sugadas pelos direitos de *ban* a que estavam submetidos.

Buscava-se, portanto, atingir uma camada social mais elevada, mas culturalmente mais afastada da clerical. Pretenda-se transmitir-lhe informações acerca do mundo. Informações corretas, que mostrassem os três continentes existentes, que Jerusalém estava no entro do mundo e que o Paraíso Terrestre estava sobre esta terra, mas era impossível alcançá-lo, exceção feita a homens excepcionais, como São Brandão<sup>9</sup>.

Pretendia-se uma comunicação com diversos estratos culturais, mas a matriz era erudita/eclesiástica. E mesmo quando caracteres populares, ou, pelo menos, mais populares, como a ilha de São Brandão são absorvidos, sofrem mudanças em sua estrutura. No mapa de Hereford, as ilhas deste santo são confundidas com as ilhas afortunadas, de origem nos conhecimentos da Antigüidade clássica.

Os mapas de Ebstorf e Hereford destinavam-se a segmentos de cultura popular, ou folclórica, mas não pretendiam fazer muitas concessões a eles, mesmo quando absorviam formas similares. No mapa de Ebstorf, no qual o fato do corpo de Cristo estar misturado ao mundo não guarda referencia com o corpo grotesco da cultura popular, estudado por Bakhtin (1993), mas com noções e metáforas hierárquicas eclesiásticas. Cristo, a cabeça do mundo, Jerusalém, Seu umbigo, mas não há espaço para seus intestinos.

#### **4. Funções dos mapas medievais**

Os mapas servem para localizar, indicar a posição do homem no espaço. E para isto também serviam os mapas medievais, mas as concepções de homem e de espaço na Idade Média eram bastante diversas das atuais. Assim, a localização e os critérios de descrição do espaço seguiam regras muito particulares.

Atualmente percebemos o espaço como um ente tridimensional neutro, que só possui significado quando atribuído pelo homem. Uma sala só passa a sê-lo quando construída, e só o foi pela ação humana, do mesmo modo uma cidade, ou um templo, ou ainda uma fazenda. O homem organiza o espaço, atribuindo-lhe valores e funções; o espaço, antes da ação humana, é considerado como um *vazio*. Dizemos, “antes daquela escola não havia nada ali”, como se as árvores e os formigueiros, que antes ocupavam aquele lugar nunca tivessem existido, e o fazemos por que aquele espaço, antes da construção da hipotética escola, era desprovido de qualquer função social, era desprovido de valor social. Vejamos a construção da cidade de Brasília, que, em seu mito fundador, considera as terras do cerrado como um *vazio*, que foi trazido à civilização por meio da construção da cidade, que desbravou o sertão, transformando o *nada* em arquitetura. Antes desta construção, para a sociedade

brasileira de modo geral, o cerrado era desprovido de sentido, de função social, assim, era como inexistente. Obviamente para os habitantes da região, a relação e os sentidos do cerrado eram outros, mas para a hegemônica sociedade nacional o cerrado carecia de sentido, ainda não existia, portanto.

Na Idade Média a relação com os espaços se dava de modo diferente. O espaço não era entendido como um objeto, moldado unicamente pela ação humana. Havia outras criaturas que estabeleciam valores ao espaço, e o homem acatava os sentidos e funções que estes lugares possuíam, mesmo sem participar ativamente de seu estabelecimento. Obviamente falo do imaginário medieval acerca do espaço, pois também é óbvio que a rede de sentidos, a função, e portanto a existência dos espaços se dá em termos mentais e em relação, e em função do homem.

Para tornar mais clara esta noção, vejamos a narrativa da viagem de São Brandão. Esse santo irlandês abandonou sua ilha para buscar o Paraíso Terrestre, para isso atravessou diversas regiões, chegando a encontrar uma ilha em que viviam anjos sob a forma de pássaros, e mesmo o Inferno, no qual encontrou e conversou com Judas Iscariotes. As regiões que Brandão atravessou não foram construídas pelo homem, sua função, seu sentido de existência, foi estabelecido pelo próprio Deus. Brandão e seus monges não interferiram nos espaços que lhes cercaram, simplesmente se submeteram a suas características preexistentes. Um outro exemplo interessante é o da consagração das catedrais<sup>10</sup>. A cerimônia começava do lado de fora, com o bispo, o clero e a população circulando em volta do prédio, separando-o do mundo exterior, para que a purificação, o segundo estágio da consagração, pudesse ser feita. Esta era realizada com incenso e água benta, que era espalhada pelas paredes e no altar. A última parte era a entrada na Igreja de relíquias, que tinham a função de proteger o ambiente e de permitir-lhe compartilhar do sagrado.

Por meio desta cerimônia pode-se perceber que, mesmo quando o homem interfere no espaço, atribuindo-lhe uma função, é necessário se recorrer a instâncias superiores para garantir a eficiência do sentido atribuído a este espaço.

Obviamente havia espaços onde a autonomia humana era maior, como os campos de cultivo de cereais, onde as cerimônias religiosas ali praticadas se relacionavam a tentativas de garantir boa colheita (Vauchez, 1995), e não para garantir a coerência do sentido do lugar.

Os medievais possuíam, de modo geral, uma “visão profundamente idealista do esquema do universo, e a convicção que tanto a história e a natureza deveriam ser entendidas como vastos símbolos” (Mâle, 1961, p.15). Esta visão não era apenas a dos segmentos menos eruditos da sociedade, era uma característica mental que unia os membros mais eruditos do clero<sup>11</sup> aos camponeses. O mundo e a sua história eram entendidas como símbolos, como metáforas. Os animais encarnariam virtudes ou defeitos do caráter humano, as passagens do Velho Testamento seriam prefigurações de eventos presentes ou futuros, como o encontro entre Melquisedeque e Abraão, onde aquele rei presenteia o Patriarca com pão e vinho (Gênesis, 14-18), e seria uma metáfora para o pão e o vinho presenteados a todos os homens por Cristo.

O espaço, então, lido como uma metáfora, possuía lugares que o aproximavam do sagrado, ou dele o afastavam. Eliade (1992; 1999) considera que a religião cristã, ao contrário de religiões orientais, espacializou o sagrado ao colocá-lo no exterior do homem. Explico, as religiões orientais tendiam, de modo geral, a ver o homem como um ser que possui o divino em si, cabendo a este homem interiorizar seu desenvolvimento espiritual. Daí a noção de tempo nestas religiões seria a do tempo cíclico, assim, o desenvolvimento espiritual esta contido em sua origem, e para lá deve se dirigir o iniciado. O cristianismo, e também a tradição judaica, ao ter colocado a divindade na história, datando as hierofanias, transformou o ciclo em linha, e o desenvolvimento espiritual não mais ocorre pela interiorização, pela busca do princípio contido no fim, mas sim pela ação no mundo, pelo conhecimento da história sagrada. O espiritual, desse modo, ganha o espaço do mundo e deixa de estar contido em um ponto, que se expande apenas para retornar ao mesmo ponto.

Mas nenhum lugar era tão sagrado quanto o corpo humano. Para os medievais o corpo era um templo consagrado<sup>12</sup>, pois, afinal, feito a imagem e semelhança de Deus, e receptáculo da alma imortal. Mas, do mesmo modo que o homem, o mundo foi criado por Deus, assim, estas duas criaturas também deveriam guardar similitudes entre si. Gervásio de Tilbury escreveu, p. “em suma, o homem deve se chamar mundo [...] os gregos chamavam o homem de microcosmo, que significa mundo menor [...] mundo, este é o homem”<sup>13</sup>. A esta concepção os autores modernos denominam teoria do micro-macrocosmo, na qual o corpo humano seria uma reprodução, ou se reproduziria, no mundo (Gurevich,

1985; Wolf, 1989). Do mesmo modo que o corpo possui partes nobres, como a cabeça, receptáculo do intelecto, e partes menos nobres, como os intestinos, o mundo reproduziria esse padrão possuindo partes nobres e partes não nobres, possuindo uma cabeça.

O mapa de Ebstorf é um representante ideal da noção de micro-macrocosmo pois representa o mundo sobreposto ao corpo de Cristo, tornando diretas e claras as metáforas do mundo como corpo.

A função deste mapa, portanto, era apresentar as metáforas aos crentes. Ebstorf era um mapa pedagógico, servindo para mostrar ao crente seu lugar na Criação. Ninguém utilizaria um mapa como este para realizar uma viagem, para tanto existiam os itinerários para as viagens por terra e os portulanos, para as viagens por mar.

Os mapas-múndi eram pedagógicos por natureza, sua função era ilustrar, apresentando-se como soluções corográficas, ou seja, eram mapas que abordavam certos temas, e os transmitiam aos fiéis, daí a riqueza de ilustrações, e a grande quantidade de legendas. Estes mapas ficavam expostos em catedrais, pois deveriam ser vistos para que sua mensagem fosse aprendida.

Crone (1965) considera que a carta de Hereford possuía uma função prática, que seria indicar rotas de peregrinação. Ao estudar detalhes da porção mediterrânea do mapa, o autor concluiu que o “compilador usou material de itinerários. Há uma clara indicação de uma rota através dos Alpes para o norte da Itália” (Crone, 1965, p.81). Devo aqui discordar desta posição, pois afirmar que itinerários foram usados como fonte na confecção do mapa não indica que este, necessariamente, possuía as mesmas funções. Creio que um mapa de grandes proporções como era Hereford (1,77m x 1,44m) punha o desafio de preenchê-lo ao seu autor, assim, entendo a busca de itinerários, e outros documentos de viagem, como um método para encontrar motivos e temas para ocupar os espaços do pergaminho.

Quanto a Ebstorf, Friedman (1981) também o considera possuidor da mesma função prática, a de indicador de rotas, como os itinerários. Para tanto, cita uma inscrição do próprio Ebstorf:

“Um mapa é chamado imagem. Do mesmo modo, um mapa-múndi é uma imagem do mundo. Com a ordem de Júlio César primeiro se estabeleceu [um mapa] para toda a amplitude do globo terrestre;

regiões, províncias, ilhas, cidades...montanhas, rios foram unidos sobre uma única página; que evidentemente foi de grande utilidade para seus leitores, vê-se as direções e as coisas do caminho que deliciarão o olhar”<sup>14</sup>

No entanto, a utilidade acima indicada deste mapa esta em mostrar aspectos gerais do caminho e apontar algumas de suas paisagens e marcos geográficos, não em ser um guia de rotas, pois certamente ninguém se daria ao trabalho de memorizar os caminhos nele indicados, deixando seus itinerários em casa; tampouco sua utilidade era ser um guia para a viagem pois seria pouco prática a utilização de um mapa com mais de 12 metros quadrados para isso. Os mapas-múndi medievais eram tão úteis como indicadores de rotas como são os mapas-múndi modernos; no máximo se percebe que para se chegar a Europa partindo da América deve-se cruzar o Atlântico, ou que para chegar a Alemanha, partindo de Portugal, deve-se atravessar a Espanha e a França.

Deve-se buscar a função dos mapas-múndi medievais não em um pretenso uso prático como guia de caminhos, mas como imagens do mundo (*formae mundi*), o que incluía aspectos paisagísticos e geográficos, mas não se deve pensar que estes fossem os únicos ali postos. O mundo (*mundus*) é toda a Criação, todas as criaturas de Deus. A função destes mapas era, portanto, reproduzir o mundo e apresentá-lo, em uma única página, a seu leitor, para que este pudesse se localizar na Criação.

Além disso, cada mapa possuía um tema, uma corografia no sentido de uma análise da região geográfica apresentada por meio das figuras nele postas, Hereford, por exemplo, é um mapa que trata do fim dos tempos, tendo uma representação de Cristo julgando os vivos e os mortos em seu alto, e Ebstorf tinha como tema os principais eventos da vida de Cristo, como por exemplo sua ressurreição, mostrada no sítio de Jerusalém.

A datação de Ebstorf é controversa, os autores a colocam desde 1213 até 1273, mas atualmente, entre os especialistas, considera-se que o período de tempo que viu esta carta nascer não deve ter sido anterior a 1230 nem posterior a 1250. Esta datação é corroborada pelo cotejamento das cidades e bispados do Sacro Império e as cidades presentes em Ebstorf, que possui 70% delas (Wolf, 1989).

Seu autor provavelmente foi Gervásio de Tilbury, que foi para a Alemanha no início do século XIII, em 1221 para ser mais exato, para servir aos Guelfos. Gervásio foi o responsável pela *Otia Imperialia*, um tratado de História que narra a origem da dinastia Otônida. O mapa de Ebstorf, aliás, deve ter sido feito como ilustração deste tratado.

O mapa apresenta todo o mundo conhecido, mostrando a Europa (abaixo, à esquerda), a África, (abaixo, à direita) e a Ásia (ocupando toda a parte superior).

No extremo leste, no alto da carta, está o Paraíso Terrestre, composto pelos quatro rios, pela árvore da vida, pela árvore do conhecimento, na qual esta enrolada a serpente, e ao lado da qual estão Adão e Eva comendo do fruto proibido. O Paraíso é cercado por uma muralha, que possui uma torre.

A representação do Paraíso terrestre é bastante ideográfica, mostrando figuras que permitirão ao fiel identificá-lo com apenas um breve olhar. Seus temas são rapidamente identificados também; a serpente, próxima a Adão e Eva que comem um fruto indica o Pecado Original, e a muralha marca o jardim fechado (*ortus conclusus*).

O Paraíso tem sua localização geográfica claramente estabelecida na Ásia, e ocupa um vale. Logo abaixo das montanhas do lado leste está a palavra Índia, que, no entanto, não corresponde a Índia moderna, sendo apenas uma região particularmente longínqua da Ásia.

Ambos os Paraísos, tanto o de Ebstorf quanto o da narrativa da viagem de Brandão, pertencem a cultura medieval, tanto que estas duas modalidades de representar o espaço – a descrição em texto e a cartografia – o apresentam, mas como possuem diferentes origens, possuem grandes diferenças. Ebstorf e a narrativa da viagem de São Brandão pertencem a diferentes estratos culturais, que têm, cada um, suas especificidades.

A cartografia estava sob controle dos clérigos, os únicos na Idade Média que produziam mapas-múndi. Estes tinham que seguir os conhecimentos elaborados pelas grandes autoridades – como Beda, o Venerável, ou Isidoro de Sevilha – e a maior de todas as autoridades era a Bíblia, e como o livro do Gênesis não descreve uma ilha, o Paraíso não é representado desse modo. Os mapas, mais que as histórias populares, tinham que estar próximos da ortodoxia, e da Bíblia. Há diversas outras referências a histórias bíblicas ao longo de todo o mapa.



Claramente percebe-se que uma das fontes para as ilustrações do mapa foi a Bíblia, mas esta não foi a única, pois nem todas as criaturas e situações ali representadas têm origem neste livro, algumas têm origem nos conhecimentos geográficos, como a indicação do rio Wesser, e do Elba, realidades muito próximas a Gervásio, outras têm origem em conhecimentos da Antigüidade, como os doze círculos feitos no Oceano, lar dos doze ventos, e finalmente, alguns temas têm origem em histórias populares, como muitas das criaturas fantásticas espalhadas pela Ásia, mas os acréscimos populares ao mapa não podem discordar dos conteúdos bíblicos.

A divisão do mundo em três continentes é uma herança da Antigüidade, mas deve-se a Isidoro de Sevilha a propagação do esquema T-O, que servia ao mesmo tempo para descrever um modelo, onde um T é inserido num círculo, dividindo-o em três partes, e para abreviar *Orbis Terrarum*.

O mapa foi feito utilizando-se trinta folhas de pergaminho, costuradas com linhas feitas das tripas dos mesmos carneiros. Algumas folhas se perderam, deixando áreas em branco no canto inferior esquerdo e no superior direito. Com um carvão eram feitas as primeiras e principais marcações, depois do quê se pintava.

O mapa-múndi de Ebstorf foi reencontrado no início do século XIX, quase por acaso, durante uma limpeza na igreja do mosteiro beneditino da cidade de Ebstorf, e lá permaneceu por mais cinquenta anos, até ser levado para a Historisches Verein für Niedersachsen [Museu da Sociedade Histórica da Baixa Saxônia] em Hannover, de onde saiu para Berlim em 1888 para ser restaurado, quando foi dividido em trinta partes, correspondentes às folhas de pergaminho, para melhor preservação. Finalmente foi devolvido a cidade de Hannover, na qual, durante um bombardeio em 1943, foi destruído, restando apenas algumas cópias *fac simile* e fotografias.

Ebstorf também é o maior mapa-múndi que se tem notícia, possuía 3,58 metros de altura por 3,56 de largura, totalizando mais de 12 metros quadrados.

A autoria de Hereford não provoca polêmicas, pois, diferentemente da prática usual, seu autor se identifica por meio de um pequeno texto no alto da carta, que diz:

“Isto que vides é um mapa do círculo da terra, transcrito e delineado por Ricardo de Haldingham, ou dito o Bello, cerca de 1300”<sup>15</sup>

Ricardo de Haldingham era um oficial da catedral de Hereford, atual Herefordshire, Inglaterra, chegando, em 1305, ao posto de preboste, e morrendo por volta de 1326. Apesar de ter seu autor identificado, nunca se deve esquecer que as cartas medievais eram obras coletivas, que envolviam toda uma equipe. Ricardo deve ter sido o coordenador, e compilador das informações.

A data aproximada da confecção é dada pelo próprio Ricardo (*circa MCCC*), e os especialistas a consideram não anterior a 1275, e poucos a datam para depois de 1300. Parece-me ser uma praxe da historiografia considerar a data de 1290, pois, lingüisticamente, é a datação que primeiro aparece à mente lendo-se a inscrição "*circa MCCC*".

A carta de Hereford possui pouco mais de 1,77 metro de altura por 1,44 metro de largura. O mapa propriamente dito está inserido em um círculo de 1,42m de diâmetro. Está estendido em uma moldura de carvalho, e continua preservado na catedral de Herefordshire, apesar de raramente exposto.

Apesar do preto ser a cor predominante, existem diversas outras cores. Os rios são em azul escuro, o Mar Vermelho está pintado de vermelho, os outros mares são marrons. O dourado, o vermelho e o marrom são usados para colorir detalhes ao longo de todo o mapa

No topo há uma representação do Julgamento Final, com Cristo sentado em um trono ao centro, mostrando as Suas chagas. Aos Seus pés está a Virgem Maria, ladeada por dois anjos, com uma dama segurando sua coroa.

À Sua direita vê-se um anjo com uma cruz, um outro com uma trombeta, da qual sai um texto que diz: *Levantem-se e venham para a palavra*<sup>18</sup>, e um terceiro anjo leva pela mão um grupo de pessoas lideradas por um clérigo, ao qual se segue um rei e algumas damas. Ao fundo se vê pessoas saindo de caixões, e seguindo o cortejo. Obviamente estes são os Salvos.

Do lado esquerdo de Cristo também há três anjos, um deles segura a coroa de espinhos e uma lança, outro toca uma trombeta, da qual sai uma outra legenda que diz: *Levantai e levai estes mortos ao inferno estabelecido [para eles]*<sup>19</sup>, e o terceiro anjo olha um grupo de pessoas amarradas e puxadas por um demônio em direção a porta de um túnel, na parede do qual está desenhado um monstro com sua enorme boca aberta, mostrando seus dentes.

O texto das legendas é escrito em preto, exceto a da trombeta do anjo dos Salvos, que é em vermelho. Ao todo, o mapa de Hereford possui 159 legendas, todas em preto, exceto apenas por algumas palavras em vermelho. Geralmente a palavra em vermelho funciona como um verbete, que é definido pelo texto que lhe vem a seguir. Este mapa é quase um atlas do mundo natural, possuindo imagens e definições de criaturas que vão desde a cegonha até a salamandra e ao centauro, também referindo-se a cidade a aos rios, e a eventos bíblicos. Por exemplo:

Salamandra (em vermelho): dragão venenoso (em preto)<sup>18</sup>;

Mandrágora (em vermelho): erva admiravelmente virtuosa (em preto)<sup>19</sup>.

Algumas figuras têm apenas indicado seu nome, sem nenhuma definição que o acompanhe, é o caso do escorpião e do urso, simplesmente citados como *scorpio* e *ursus*, no norte do continente europeu. A maioria das cidades também possui apenas a citação de seu nome, como Roma, Londres, Paris, e mesmo Jerusalém.

Esta última cidade ocupa o centro do mapa, tendo forma circular, lembrando uma engrenagem. Acima da cidade há uma segunda representação de Cristo, desta vez crucificado, ao lado da qual lê-se simplesmente *mons calvarie*. A maioria das inscrições é em latim, havendo algumas em anglo-francês.

Partindo-se de Jerusalém numa diagonal imaginária para a esquerda e para o alto, pode-se ver a letra 'M', para a direita a letra 'O', para baixo e para a direita a letra 'R', e finalmente seguindo-se para a esquerda e abaixo, vê-se a letra 'S', formando a palavra *mors*, morte. O tema deste mapa é o fim dos tempos, por isso Cristo representado como juiz no alto, e sua crucificação no centro; além da morte vindo dos quatro cantos do mundo, como a voz dos quatro anjos que anunciam a destruição no apocalipse. A representação de Cristo crucificado lembra seu sacrifício e a promessa de Salvação, a representação do julgamento lembra que poucos serão os escolhidos. Além disso, a carta de Hereford tomou a forma de um inventário de toda a Criação, como que preparando uma prestação de contas de tudo o que existe, talvez para que o Senhor pudesse melhor tratar de sua dissolução.

Este mapa-múndi é, ao mesmo tempo, um atlas e uma história, pois vê-se tudo o que foi criado, e contempla-se vários eventos importantes, no entanto, é interessante notar a ausência de representações do nascimento de Cristo ou de Sua ressurreição. Talvez explicado pelo tema deste mapa ser o fim dos tempos, cabendo, então, representações que lembrassem este fato mais diretamente.

Hereford é um mapa derivado do modelo T-O, mas, do mesmo modo que a carta de Ebstorf, é menos esquemático.

Como fontes, possui heranças da Antigüidade, mas que já eram parte das tradições medievais. Ricardo cita Paulo Orósio como fonte.

O Paraíso Terrestre assume a forma de uma ilha, na qual se pode ver claramente quatro rios, uma porta fechada, Adão, que parece estar comendo algo, certamente o fruto proibido, e, ao mesmo tempo, esconde seus sexo, Eva, ao seu lado com o braço estendido parecendo pegar algo e também esconde o sexo com uma das mãos. A serpente está diante deles, enrolada na árvore e mais próxima de Eva. Pouco abaixo, à direita, já no continente, há uma nova representação de Adão e Eva, desta vez sua expulsão. Há, atrás deles, um anjo ameaçando-os com uma espada, ambos estão de costas para este anjo, Adão olha para trás com as mãos em súplicas, mas o gesto que o anjo faz não deixa dúvidas, nenhum dos dois poderá voltar ao Paraíso. A legenda diz: *expulsio Ade et Eva*.

As figuras internas ao Paraíso Terrestre são as mesmas em Ebstorf e Hereford: quatro rios; uma muralha; a árvore do conhecimento, na qual está enrolada a serpente e da qual Adão e Eva retiram frutos. Os 'ideogramas' são os mesmos assim como os temas a que fazem referência – o Pecado original, o *ortus conclusus*. É, essencialmente, o mesmo Paraíso. Mas em Ebstorf ele é um vale, e aqui, uma ilha. O mesmo Paraíso, portanto, assume um diferente acidente geográfico. A que se deve esta diferença?

Neste mapa também encontra-se uma representação cartográfica da ilha de São Brandão localizada na costa norte da África. Nela lê-se: ilhas afortunadas, são seis, ilhas de São Brandão<sup>20</sup>. Há alguma relação entre a presença das ilhas de São Brandão e a insularidade do Paraíso? Uma análise apressada poderia afirmar que sim, pois seria muito fácil supor que o organizador da carta de Hereford utilizou como fonte a narrativa da viagem de S. Brandão, colocando suas ilhas e adotando seu Paraíso-ilha. Mas apesar dos clérigos-cartógrafos utilizarem

histórias populares como fontes de conhecimento geográfico, estas ocupavam um lugar inferior em relação a fontes clericais. Assim, caso se encontre uma fonte erudita para estas representações, deve-se considerá-la como mais provável que a narrativa da viagem.

No caso do Paraíso-ilha, há uma fonte clerical anterior a Hereford, que é o mapa de Mogúncia. Este mapa foi confeccionado por volta de 1110, por Henrique, arcebispo de Mogúncia, e dedicado ao Imperador Henrique V, serve como ilustração a uma cópia do *De Imagine Mundi* de Honório de Autun (Ribeiro, 1999). O formato do Paraíso não é a única semelhança entre estes dois mapas. O grande rio no extremo sul, o formato do Mar Vermelho, o formato do Mediterrâneo, o tamanho e a localização das ilhas Cíclades, a localização da prisão dos povos de Gog e Magog, até mesmo a representação de um *basiliscus*, uma espécie de ave sem pés, que está nos dois mapas e localiza-se no mesmo ponto geográfico. A ilha-Paraíso de Hereford e a de Mogúncia têm a mesma forma e a mesma proporção em relação ao conjunto do mapa.

Alguns dos elementos comuns a Hereford e Mogúncia também o são para Ebstorf, como o grande rio ao sul. O mapa de Henrique de Mogúncia foi utilizado como fonte pelos autores tanto de Ebstorf como de Hereford, apesar deste último ter-lhe sido mais fiel.

Mas em Mogúncia não há representação das ilhas de São Brandão, tampouco em Ebstorf. Aliás, em Hereford está a primeira representação cartográfica destas ilhas (Babcock, 1922). É forçoso reconhecer que Ricardo de Haldingham conhecia a narrativa da viagem de S. Brandão, e a considerava tão confiável que indicou suas ilhas onde esta narrativa diz que estão, no Atlântico. Entretanto, colocou o Paraíso onde a tradição cartográfica o colocava, no Oriente, no extremo oposto das ilhas de S. Brandão.

Em sua viagem, Brandão também encontrou o Inferno, na forma de uma ilha. Contudo, não há referência ao Inferno nas ilhas de São Brandão presentes na carta de Hereford. A única referência aos lugares infernais neste mapa é o rio *Lecthon*, definido como *fluuius infernalis dictus*, e que se localiza no Norte da África e deságua no Mediterrâneo, tendo sua nascente numa montanha próxima a cidade de Tripolitana, na Líbia. Mais uma vez, mesmo conhecendo a história de São Brandão, Ricardo de Haldingham preferiu orientar-se por uma fonte clerical, pois também no mapa de Mogúncia o *Lecthon* aparece, e nesta mesma localização.

Além de Orósio, de Isidoro e da cartografia que lhe era anterior, pode-se constatar que Ricardo utilizou como fontes para seu mapa as histórias populares. A cultura clerical está aqui absorvendo elementos da cultura folclórica, mas adaptando-os a si mesma, pois mesmo que as ilhas de S. Brandão existam, elas são as mesmas ilhas que os Antigos chamavam de 'Afortunadas', não uma nova região, o Paraíso e o Inferno estão muito longe delas, pois as ilhas se encontram no Ocidente, e o Paraíso pertence ao Oriente e a única referência a lugares próximos ao Inferno é um rio no Norte da África.

Um ponto curioso a respeito deste mapa é que no continente europeu lê-se a legenda *África*, já no africano lê-se *Europa*. A única explicação satisfatória para isto é um erro do copista, que, provavelmente, não foi Ricardo, mas algum monge de sua equipe, menos conhecedor de geografia, ou que não entendeu os comandos de direita e esquerda que lhe foram dados.

No canto inferior esquerdo, fora do mapa, mas dentro de sua moldura, há uma representação do imperador romano Augusto entregando a ordem de confeccionar um mapa-múndi a três sábios, Nichocodoxus, Theodoclis e Policlitus. Assim, Ricardo se coloca como seguidor de uma ordem antiga, e ao lado de sábios que serviram ao imperador. No oposto direito, há um cavaleiro seguido por seu pagem e dois cães de caça, onde se lê: *passé avant*, numa aparente referência ao descanso de Ricardo, uma vez completada sua tarefa.

## 5. O sentido da cartografia medieval

Diz-se muito que os mapas-múndi medievais eram pedagógicos, servindo para transmitir uma certa noção de como era o mundo e que lugar o Homem ocuparia nele. E isto é correto, mas não do modo que parece. Os mapas medievais pretendiam fornecer informações que ajudassem os indivíduos a se localizar no mundo, por isso o descrevem. Nós podemos apreender destes mapas a noção de como era o mundo para os medievais, não por ser o ensino a única destinação que os medievais lhes davam, mas por consequência.

Também diz-se que a cartografia medieval era simbólica. Outra informação correta, mas que deve ser matizada. Os eventos, as criaturas

e as formas, na Idade Média, possuíam, de forma geral, duas leituras, uma mais próxima da coisa em si e outra mais ampla, que buscava sentidos mais profundos. O desenho de um cordeiro pode ser um símbolo para o Cristo, em sentido profundo, como pode ser apenas um cordeiro, o que vai depender de onde localiza-se este desenho. No mapa de Hereford, a Fênix pode ser uma referência à ressurreição de Cristo ou simplesmente referência a um animal, cuja existência não era questionada. Neste mesmo mapa há uma representação de um *bonnacon*, uma criatura com cabeça de touro, corpo e crina de cavalo e uma cauda bipartida, que, com uma expressão constrangida, está defecando; não há 'sentido profundo' para este ato, aqui se representa uma passagem da vida natural. A cartografia medieval possuía símbolos, mas não apenas isso; realizava uma descrição, a mais objetiva possível, da realidade. A fênix existia, assim como o *bonnacon* e suas necessidades fisiológicas. Muitas criaturas, em sua natureza, traziam significados além de si mesmas, mas também possuíam uma existência natural. É com muito cuidado que se deve proceder a uma análise simbólica da cartografia, pois, do contrário, pode-se analisar um símbolo que esteja apenas na cabeça do pesquisador e não no mapa.

A cartografia medieval era, de modo geral, muito fluídica, os autores dos mapas possuíam uma liberdade muito grande de colocar, retirar ou modificar muitos dos elementos componentes dos mesmos. Em que pese as inúmeras similitudes, há uma grande discrepância entre os elementos que constituem Ebstorf e aqueles que se encontram em Hereford. Observando-se a cartografia de modo geral, poucos dos elementos cartográficos medievais permaneciam imutáveis; um deles era o Paraíso Terrestre, sempre colocado no alto, no extremo leste do mundo, servindo para dar uma direção à organização medieval do espaço<sup>21</sup>.

Os mapas-múndi medievais não se limitavam a mera descrição física do mundo. A geografia medieval se organizava ao redor de valores subjetivos, assim, a representação do espaço incorporava suas características políticas, afetivas e teológicas. No mapa de Ebstorf cidades importantes, como Frankfurt e Munique, não são representadas pois eram dominadas por dinastias desafeto dos imperadores do Sacro-Império, seus patrocinadores. Do mesmo modo, a distância entre cidades não era proporcional à sua distância real, mas proporcionais a sua

distância política. No entanto, esta subjetividade da cartografia não era a subjetividade do cartógrafo, pois este tinha que adequar seu mapa a sua função, além disso, estes mapas eram feitos em equipe, e apesar de em Hereford, Ricardo de Haldingham se identificar como seu autor, este trabalho foi feito com muito mais que um par de mãos.

Os mapas medievais constituem-se, portanto, na colagem de elementos de diversas origens, desde a pressão política, passando pela religiosidade cristã e pelas tradições folclóricas. Toda análise iconográfica deve levar em consideração todos estes elementos, além, é claro, das concepções de homem e de mundo daquela época.

Uma imagem é produto de seu contexto, mas não apenas dele. As imagens que lhe são anteriores também contribuem para a formulação da imagem mais recente. Os mapas *ecumênicos simples* são, entre outras coisas, resultados das cartas que lhes vieram antes. Esta categoria em especial é formada pelos mapas medievais mais recentes, assim, podemos considerá-los como o corolário de algumas tradições, e como preparadores dos caminhos futuros.

Ugo Tucci (1984) afirma que a geografia se preocupou mais com o homem do que com meio físico até o século XVIII. Esta preocupação com o homem é a marca principal das cartas murais medievais, que funcionam tanto como atlas, como quanto inventário dos seres da criação, nelas estando presentes de humanos a cinocéfalos, além de peixes, ursos, cavalos. Os hábitos das populações também são representados, como o canibalismo dos povos de Gog e Magog e os hábitos guerreiros dos Citas.

O conhecimento cartográfico não era um conhecimento técnico, mas sim uma mostra de erudição. Os eruditos estavam mais interessados em demonstrar sua habilidade em descrever o mundo, em exhibir seus conhecimentos, em detalhes, do que em ser precisos, ou científicos. Aliás, a cartografia só saiu do meio dos conhecimentos eruditos na virada do século XVIII para o XIX, até então os temas predominavam sobre a mera informação, ou descrição espacial. Os cartógrafos medievais, do mesmo modo que os modernos, pretendiam retratar o mundo tal qual era, mas o mundo medieval era um mundo muito diferente do nosso.

De qualquer modo, a evolução das cartas medievais chegou a um momento de ruptura, pois a partir do século XIV as cartas náuticas



e os portulanos passaram a ser mais importantes que os mapas-múndi. Além disso, com a revalorização que os clássicos da Antigüidade já há bastante tempo estavam usufruindo, a redescoberta de Ptolomeu fulminou outras tradições. Muitos elementos, agora ditos lendários, da Idade Média perduraram nas cartas posteriores ao século XIV, mas a forma dos mapas-múndi mudou. Os esquemas medievais foram substituídos pelos Antigos, e uma cartografia temática foi pouco a pouco sendo substituída por uma outra, mais física e menos humana, mais matemática e menos estética.

### **Abstract**

The maps serve to indicate the man's position in space. In the medieval maps, the conceptions of man and space were very different of nowadays. The criteria of descriptions of space were very peculiar. In that cultural context the Terreal Paradise played the role of giving directions to the medieval organization of space. The cartography also was more related to the human, than to the spatial.

*Key-words:* Cartography; Paradise; Organizations of Space.

### **Notas**

- 1 O termo gramática, para definir as regras a que a leitura de imagens se submete, não é muito preciso, pois indicaria uma relação muito rígida entre imagem e significado, o que não ocorre, pois toda imagem possui alguma ambigüidade advinda da tensão entre o convencional (ou arbitrário) e o mimético na constituição dos signos. A semiótica pierciana é uma referência importante a este trabalho.
- 2 Adoto a divisão geral da cultura medieval proposta por Le Goff (1980), que identifica dois estratos amplos e básicos, a cultura clerical gestada no interior da Igreja, e a cultura folclórica, peculiar aos meios laicos, que utilizava tradições pré-cristãs. Obviamente esta divisão é uma simplificação pois não leva em consideração as diferenças entre as ordens religiosas, as regiões geográficas e função exercida pelos indivíduos, mas serve como um referencial importante à pesquisa.

- 3 Cartas em T-O, retratando algumas passagens bíblicas.
- 4 Aristocracia guerreira, camponeses abastados, burgueses.
- 5 Um 'intermediário cultural' é um produto cultural que pode ser facilmente lido por diversos estratos culturais. Esse conceito foi desenvolvido na dissertação de mestrado, da qual este artigo foi extraído.
- 6 Devo salientar que aqui não cabe nenhum maniqueísmo, em que a Igreja manipularia a cultura dos indivíduos, que ficariam a sua mercê. Os fenômenos culturais são notoriamente mais complexos.
- 7 Uma ilustração pretende esclarecer o texto, uma iluminura tem a função de iluminar o manuscrito, fazendo-o mais agradável à leitura, mas não necessariamente servindo como complemento a informação da página iluminada.
- 8 Hereford possui 1,77 m de altura por 1,44 de largura, e Ebstorf possuía pouco mais de 12 m quadrados.
- 9 *A Navigatio Sancti Brendanni Abbatis* é uma das mais famosas histórias medievais, e narra a viagem de são Brandão com 14 monges até o Paraíso Terrestre. Só para haver critérios de comparação, enquanto da *Chanson de Roland* restaram 7 manuscritos originais, da viagem de são Brandão há cerca de 100.
- 10 A liturgia aqui descrita é a encontrada na Pontifical Romana do século XII. Para o rito, ver *Le Pontifical Romain au Moyen-Age*, 1., editada por Michel Andrieu, Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1938. *Apud* Dawn Marie Hayes. *Body and Sacred Place in Medieval Europe, 1100-1389: Interpreting the Case of Chartres Cathedral*. Ph.D. diss., New York University, 1998, p.25-26.
- 11 Esta visão da natureza pode ser encontrada em Agostinho, *De spiritu et littera*, capítulo 19.
- 12 Jacobus de Voragine. "*Templum autem spirituale, quod sumus nos, ad similitudinem templi materialis consecratur*", *Legenda Aurea*, 855, *apud* Dawn Marie Hayes, *Body and Sacred Place in Medieval Europe, 1100-1389: Interpreting the Case of Chartres Cathedral*, p.30.
- 13 "*In summa homo mundus appellatur [...] et graecus hominem microcosmus hoc est minorem mundum appelabat [...] et mundus, hoc est homo*". Gervasius, ed. Leibniz, t. I, Hanover, 1707, p.885, *apud* Armin Wolf, "ews on the Ebstorf World Map: date, origin, authorship", p.67.

- 14 *"Mappa dicitur forma. Inde mappa mundi id est forma mundi. Quam Julius Caesar missis legatis per totius orbis amplitudinem primus instituit; regiones, prouincias, insulas, ciuitates...montes, flumina quasi sub unius pagine uisione coadunauit; que scilicet non paruam prestat legentibus utilitatem, uiantibus directionem rerumque uiarum gratissime speculationis directionem"*, in.: Konrad Miller, *Die Ebstorkarte*, Stuttgart, 1896, pp. 5-8, *apud* John B. Friedman, s/d, p.83, nota 64.
- 15 *Hanc:quam:uidetis:terrarum:orbis:tabulam descripsit-delineauitque Ricardus de Haldigham siue de Bello:dictus:A:S:circa:MC:C:C*, todas as citações de legendas de Hereford foram retiradas de cópia fac simile do mapa.
- 16 *Levez si vendrez a iose parourable.*
- 17 *Levez si diez in su de enfer ettable.*
- 18 *Salamandra: dracon uenenosa.* Representada no Egito (*terra egipti*), às margens do Nilo.
- 19 *Mandragora: erba mirabliter uirtuosa.* Também representada no Egito (*terra egipti*).
- 20 *Fortunate insulee, Sex sunt, insul sci Brandani.*
- 21 Mas mesmo esta constante às vezes faltava, o mapa-múndi de Albi não possui referencia explícita ao Paraíso, limitando-se a informar a existência de dois de seus rios, o que não é a mesma coisa; o mapa anglo-saxão, ou Cottoniano, do século X, também não apresenta o Paraíso, colocando no seu lugar tradicional (o extremo leste) a ilha de Taprobana, que, no imaginário medieval, muitas vezes era entendida como paradisíaca, mas não como o Paraíso.

## Referências Bibliográficas

ANDREWS, J. H. "Map and language – a metaphor extended". Em *Cartographica*. Vol. 27, nº. 1, 1990, p1-19.

ANDREWS, Michael. *Archaeologica*. 1926, p.68-74.

BABCOCK, William. *Legendary islands of the Atlantic – a study in medieval geography*. New York: American Geographical Society, 1922.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília: Hucitec/ed. UnB, 1993.

CRONE, G. R. "New light on the Hereford Map". Em *Geographical journal*. 131, 1965, p.440-460.

DESTOMBES, Marcel. *Mappemondes A.D. 100-1500, catalogue préparé par la comission des cartes anciennes de l'Union Géographique Internationale*. Amsterdam: N. Israel, 1964.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRIEDMAN, J. B. *Monstruous races in medieval art and thought*. Londres: Harvard University Press, 1981.

GENET, Jean-Phillipe. "Histoire et système de communication au Moyen Age". Em GENET, J.-P. (org.). *L'Histoire et les nouveaux publics dans l'Europe médiévale (XIII-XV siècle)*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1997, p.1-29.

GRABAR, André. *Les voies de la création en iconographie chrétienne*. Paris: Champs/Flammarion (1ª publicação 1979), 1994.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GUREVICH, Aron. *Categories of medieval popular culture*. Londres/Boston: Routledge & Kegan Paul, 1985.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques. *Imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

MÂLE, Emile. *The gothic image*. Londres: Fontana Library/Collins Press, 1961.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

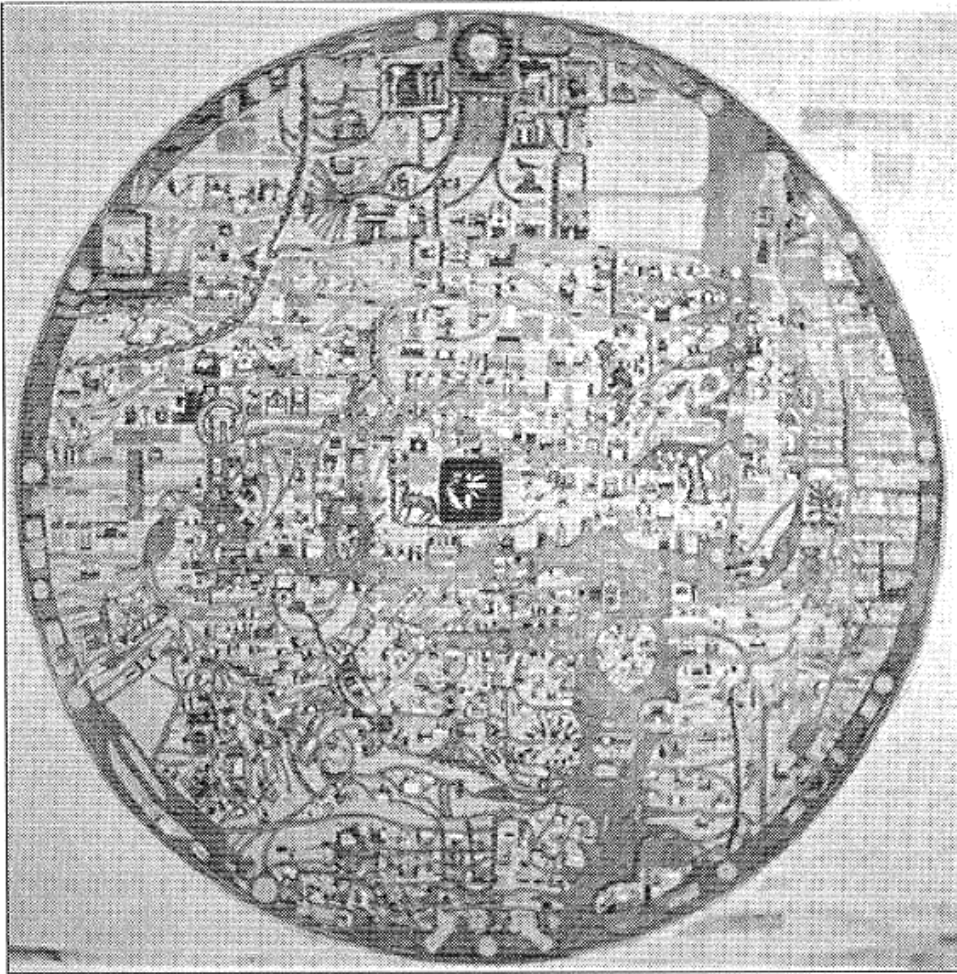
RIBEIRO, Maria E. de B. "Fronteiras materiais e imaginárias no mapa-múndi de Henrique de Mogúncia". Em NODARI, E., PEDRO, J. M. e IOKOI, Z. (Org.). *História: Fronteiras*. São Paulo: ANPUH/Humanitas, 1999, p.1017-1024.

TUCCI, Ugo. "Atlas". Em *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p.130-157

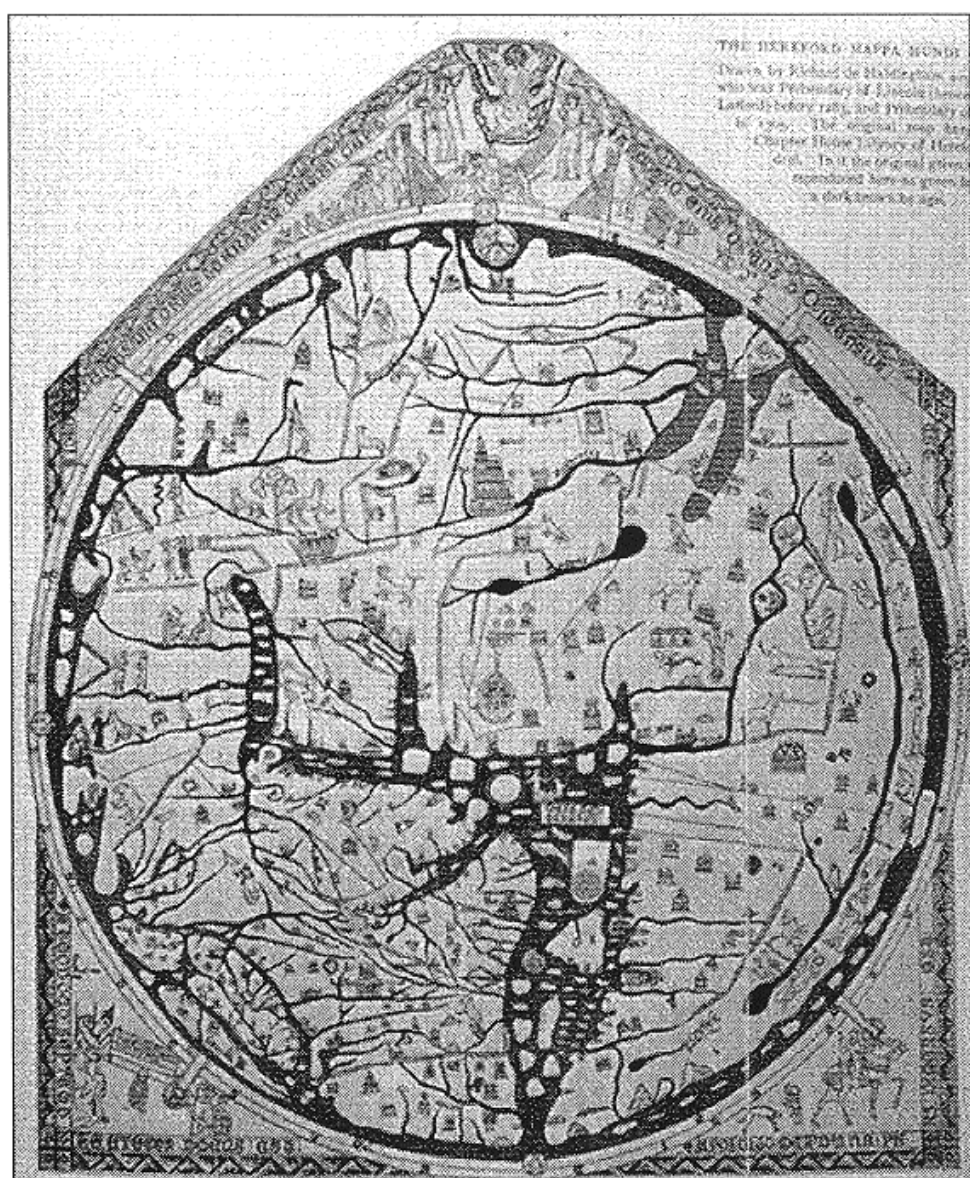
VAUCHEZ, Andre. *Espiritualidade Medieval*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1995.

WIRTH, Jean. *L'image medievale*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1989.

WOLF, Armin. "News of the Ebstorf world map: date, rigin, autorship". Em PELLETIER, M. *Géographie du monde au Moyen Age et à la Renaissance*. Paris: Editions du comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1989, p.51-68.



Mapa-múndi de Ebstorf, 1234. Dimensão 3.56 ms de largura e 3.58 ms de altura



Mapa-múndi de Hereford, 1290. Catedral de Hereford, Herefordshire (Inglaterra). Dimensão 1,77m de altura por 1,44 m de largura.